



O sertão de Lampião

Há 75 anos a cabeça de Virgulino Ferreira da Silva, o líder do cangaço, rolava no interior do Sergipe depois de quase 20 de perseguições. Mas o mito de Lampião sobrevive até hoje, e sua passagem deixou traços na paisagem e na cultura nordestina

Texto | Camila Natalino Fróis

Fotos | André Dib

O Vale do Catimbau (PE), com sua vegetação típica do bioma da Caatinga, era território de Lampião nas décadas de 1920 e 1930. O banditismo na região, conhecido como cangaço, perdurou até a morte do seu principal líder, em 1938.

A medida que nos afastávamos do litoral, as feições da Caatinga, a eventual trilha sonora do xaxado e a constante hospitalidade matuta davam o tom da nossa jornada em busca de histórias de Lampião perdidas pelo interior do Nordeste. A cada cidadezinha que cruzávamos na estrada, uma estátua de um casal altivo de chapéu, farda azul e escopeta em punho aumentava a certeza de que adentrávamos o cenário que marcou a saga do maior ícone do sertão de todos os tempos.

A ideia era revisitar a história de Virgulino Ferreira da Silva nas terras onde ele nasceu, cresceu, reinou com seu bando e foi morto, deixando um impressionante legado cultural inspirado em uma epopeia sangrenta. Mas entender as origens, as motivações e o peculiar código de ética desse complexo levante, porém, se mostrou uma tarefa mais arduosa do que podíamos imaginar. Em cada biografia, cada cordel,

cada “causo” escutado, nos deparávamos com novas informações, cada vez mais intrigantes.

Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, nasceu em 1898 em Vila Bela, atual Serra Talhada, no interior de Pernambuco. Ex-almocreve (espécie de tropeiro) entrou para o cangaço para vingar a morte do pai, tendo passado metade de seus 40 anos no comando de um bando que espalhou terror pelos sertões de quase todos os estados do Nordeste. Assaltava fazendas, sequestrava coronéis para pedir resgate e saqueava comboios e armazéns. Não tinha moradia fixa: vivia perambulando pelo sertão, praticando seus crimes e fugindo da polícia.

O cangaceiro morreu em uma emboscada da polícia alagoana, na madrugada do dia 28 de julho de 1938, na fazenda conhecida como Angicos, em Sergipe. Ao seu lado estava Maria Bonita, a destemida baiana por quem se apaixonou a ponto

Casa onde nasceu Maria Gomes de Oliveira, a Maria Bonita, mulher de Lampião, em Malhada da Caiçara (BA)



Lampião e Maria Bonita, com os trajes que fizeram a fama dos cangaceiros (no detalhe, o cartão de visitas do cangaceiro)

vendidos nas feiras-livres, popularizando as histórias de Lampião.

Marketing pessoal apurado

Enquanto o povo fica dividido entre a imagem do herói e do bandido, o conceituado historiador Frederico Pernambucano de Mello exalta Lampião como um grande empreendedor à frente de um negócio lucrativo, que teve êxito durante 20 anos graças ao carisma e às notáveis habilidades de Virgulino em logística, diplomacia, finanças, liderança de equipe, marketing e administração das filiais de seu bando principal.

Além de suas características executivas, o pesquisador chamado por Gilberto Freyre de “mestre dos mestres em assuntos de cangaço”, revela uma das faces mais curiosas de Virgulino: suas habilidades como estilista e a extravagante vaidade que, segundo o pesquisador, distancia a figura do cangaceiro

de anular sua própria lei, que proibia até então a presença da mulheres no cangaço.

Apesar da violência incontestável que marcava a atuação dos bandos armados, na visão de parte dos sertanejos o cangaceiro protagonizou uma história de resistência que se confunde com a própria história da região, que narra a lenda do homem que jamais se acovardou, enfrentando as privações do semi-árido e injustiças morais e sociais que propiciaram, aos olhos do povo, um alibi perfeito para os seus crimes.

Como naquela época não havia jornais, os feitos dos cangaceiros eram divulgados através dos cordéis, que nada mais são que folhetins com notícias, preces e ensinamentos morais em forma de poesia, geralmente ilustrados por xilogravura. Eram



de um bandido comum. Isso porque, enquanto o criminoso convicto busca sempre a ocultação das suas delinquências, o cangaceiro gostava da visibilidade. A explicação, segundo uma de muitas versões da história, está no fato de que boa parte daqueles que entravam no cangaço o faziam para vingar o que se chamava à época de “crime de honra”, que deveria ser resolvido à revelia das leis oficiais. Isso conferia, aos olhos do sertanejo, um senso de justiça e nobreza à sua luta. Lampião, em especial, tinha tanto apreço à sua própria imagem e ofício que fazia questão de ser fotografado, filmado e

chegou até a conceder algumas entrevistas a jornalistas. Dedicado seriamente ao seu marketing pessoal, além de divulgar suas próprias fotos lendo a Bíblia ou um jornal, apontando armas ou posando ao lado de Maria Bonita, Lampião também se tornaria “garoto propaganda” das Aspirinas Bayer, marca que patrocinou um filme documental sobre o cangaço gravado na época.

A excentricidade dos costumes cangaceiros não param por aí. Embora Lampião na época representasse os valores morais de um sertão abandonado, ostentando a imagem do cabra valente e justiceiro, a sua

postura pouco se assemelhava à do matuto sertanejo. “Vaidoso, perfumado, com fala calma, voz baixa e bons modos, ele era um homem extremamente educado, bem relacionado e geralmente cordial com quem estava ao seu lado”, conta Frederico.

“Deus lha’cumpanhe”. Era assim que o fervoroso devoto e amigo pessoal de “Padim” Cícero costumava se despedir dos amigos, segundo depoimento do cangaceiro apelidado de Vinte e Cinco, ainda vivo. O perfume Chanel n° 5, o uísque escocês que degustava, as joias finas e os lenços de seda importada que faziam parte do

Cangaceiro pé-de-valsas

O rei do cangaço era também grande dançarino de xaxado e, pelo menos duas vezes por semana, organizava animados bailes em fazendas de coronéis coiteiros, que lhe davam acolhida. No mato à luz de candeeiro, onde o arrasta-pé embalava a festa, com brilhantina no cabelo, os cangaceiros dançavam com as moças buscadas nas cidades. O cangaceiro mais conhecido do Brasil gostava também de cantar e arriscava até compor. O xaxado é uma dança originária no próprio sertão de pernambuco, tendo sido difundido pelo bando de Lampião. Hoje, o grupo Cabras de Lampião (*ao lado*), de Serra Talhada (PE), cidade natal de Virgulino, se apresenta em todo o Brasil difundindo a dança que embalava as noites de Lampião e Maria Bonita.

visual cangaceiro, assim como os recursos financeiros que Lampião julgava necessitar para a manutenção dos seus bandos, eram solicitados gentilmente aos coronéis da época através de bilhetinhos com boa caligrafia e texto polido.

“Cabra Macho, sim senhor”

Quem mostra esses curiosos bilhetes é outro colecionador de “causos” do cangaço, Anildomá Willans, que pesquisa histórias contadas por policiais, parentes, cangaceiros e inimigos de Virgulino em sua cidade natal, Serra Talhada, no Vale do Pajeú. Ele também guarda depoimentos em que os soldados relatavam a dificuldade de conseguir informações da população sobre o paradeiro de Lampião, pois esse passava pelas cidades participando de casamentos, batizados, organizando bailes de xaxado e distribuindo ingressos de parques de diversões para as crianças.

Nem só de boas relações, porém, vivia o cangaço. Anildomá explica que a “doação” solicitada aos coronéis da época era a garantia de que a fazenda do destinatário não seria alvo de ataque do bando. Se o pedido fosse negado ou ignorado, o coronel conheceria o lado facínora de Lampião. E essa parte da história já rendeu muitos livros.



A estética do cangaço

Apesar do banditismo praticado, o cangaço embasou um movimento de resistência cultural no Nordeste, criando ou inspirando diferentes linguagens artísticas tipicamente sertanejas. Em seu livro *Estrelas de Couro: a estética do cangaço* (Editora Escrituras, 2011), Frederico Pernambucano de Mello destaca o nível de sofisticação ornamental da indumentária dos cangaceiros. Do chapéu de couro de veado à alpercata de rabicho, o traje era imponente, repleto de cores vivas e harmoniosas nas cartucheiras, perneiras, lenços e bornais bordados pelos próprios guerrilheiros. O chapéu, em estilo napoleônico, coroado de moedas e medalhas com invocações religiosas era o acessório-chave. Depois de se popularizar como marca do cangaço, a peça ganhou o Brasil na cabeça do músico Luis Gonzaga, tornando-se um símbolo do sertão.



✘ D. Minó, filha do maior inimigo de Lampião: “ele queria dominar o mundo, mas meu pai não concordou”.

Na chamada Trilha do Cangaço, que vai até o sítio Passagem das Pedras, onde Lampião viveu, o visitante passa pelas ruínas da casa onde houve o primeiro confronto armado contra o seu maior inimigo, José Saturnino, o vizinho que teria encomendado a morte do seu pai. Inveja, discordância política e um suposto roubo de animal foram o estopim para que as duas famílias, que antes até filhos apadrinhados tinham, enveredassem numa guerra de vinganças que transformou o sertão do início da década de 20 em praça de guerra.

Além de conhecer a réplica do lar da avó de Virgulino e as ruínas da casa onde ele nasceu, fizemos uma visita cordial à filha do seu maior inimigo. Com feição tranquila e voz amena, da varanda de casa dona Minó não poupa o cangaceiro. “Lampião queria ser dono do mundo”, diz com a voz arrastada, “mas meu pai não concordou”. Ainda jovem, Saturnino entrou para a polícia e passou a vida combatendo o cangaço, mas, desde então, ele e Lampião jamais se cruzaram. Há quem diga que os dois inclusive se esquivavam. Se Lampião matasse Saturnino, perderia o pretexto que tinha para comandar o levante e teria que abandonar a “vida de glória” que conquistou no cangaço.



✘ Piranhas, nas margens do Rio São Francisco: daqui partiria a volante que destruiu o bando de Lampião

Serra Talhada, sua cidade natal, foi testemunha de um dos episódios que marcaram o ápice de sua carreira, na emblemática Batalha da Serra Grande, de 1926, quando o bando de Lampião, com cerca de 50 integrantes, derrotou uma volante (grupo policial que combatia o banditismo) de 300 homens, saindo ileso. Segundo a lenda que prosperou na época, naquela batalha Lampião invocou aos seus santos o “avultamento” (capacidade de virar vulto), tornando-se invisível. Além disso, é comum a crença de que os cangaceiros tinham o “corpo fechado”, à prova de tiros. Independentemente das técnicas divinas ou terrenas utilizadas, o fato é que a façanha inflou o ego de Lampião.

Ninguém sabe ao certo até onde foi a surpresa do então governador de Pernambuco, Júlio de Melo, naquele dezembro de

Lampião no cordel



No Nordeste, os textos de cordéis eram vendidos nas feiras pendurados em cordões, daí a origem do nome. Lampião é um dos personagens mais recitados dentro desse gênero de poesia fortemente influenciada pela oralidade. Hoje o cordelista e xilogravurista mais conhecido do país é o artista Jota Borges (*ao lado*), apadrinhado pelo escritor Ariano Suassuna, que tem ateliê na cidade de Bezerros (PE).



1926, quando recebeu uma ambiciosa carta de Virgulino propondo, depois da derrota humilhante, a divisão do estado em dois e a indicação dele, Lampião, como “governador do sertão”.

Apoteose em Juazeiro

Tanta ousadia não era assim tão desca-bida se levado em consideração o contexto. No começo daquele mesmo ano, Lampião entrara em Juazeiro, a convite do Padre Cícero, ovacionado como herói. Consta que mais de quatro mil pessoas teriam se deslocado para aclamar os cangaceiros que, ao passar, distribuíram cartuchos, moedas e autógrafos à multidão. Esse episódio é um dos mais curiosos de toda a história do cangaço. Lampião receberia ali a patente do chamado “exército patriótico”, além de armamento do governo para perseguir a Coluna Prestes. Isso mesmo! Quando a marcha da coluna revolucionária rumou para o Nordeste, o governo federal não teve dúvidas: convocou os chefes políticos locais para formarem

Em uma gruta na Fazenda Angicos, Lampião e seu grupo foram surpreendidos ainda dormindo (acima, o local do massacre). Dos 34 que faziam parte do bando, onze morreram degolados (a cabeça mais abaixo é do líder).



exércitos próprios e combater os rebeldes. Na década de 1950, o general Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior das operações contra a Coluna, assumiu que partiu dele a ideia de convocar jagunços e cangaceiros para fazer frente ao avanço de Prestes. Depois de pegar as armas, o título de capitão e fardas do governo, Lampião continuou, porém, a perseguir seus próprios inimigos com a já conhecida eficiência no manuseio de suas novas espingardas winchesters.

No Vale do Catimbau (PE), um vilarejo com pouco mais de dois mil habitantes envolvido em belíssimas formações areníticas, os requintes de crueldade dos cangaceiros ganham narrativas tipicamente sertanejas. Não é para menos. Lá viveu o famoso “Manoel Capão”, homem que teve seus testículos extraídos pelo cangaceiro Corisco, por desdenhar um pedido de informação.

Com 99 anos, o ex-cangaceiro Candieiro, um dos oito homens escolhidos a dedo para a guarda pessoal de Lampião, tem momentos de lucidez, quando consegue recordar os dois anos vividos com o bando de Virgulino. “Aquilo não era vida de gente! A gente tava lá, quietinho, sem fazer nada com ninguém...vinha a polícia e cortava a nossa cabeça. Era uma tristeza...”, conclui o ex-cangaceiro, lembrando a emboscada de Sergipe. Com um pouco mais de prosa ele mostra as cicatrizes do braço direito, decorrentes do tiro que levou escapando da polícia naquele dia. Os curativos eram feitos no mato mesmo, com raízes e folhas anti-inflamatórias da Caatinga.

Essa história é contada com mais detalhes na graciosa cidade alagoana de Piranhas, que fica às margens do Rio São Francisco, de onde a polícia daquele estado partiu de canoa para encurralar os cangaceiros na fronteira com Segipe. Atualmente, o historiador Jairo Oliveira, proprietário da fazenda Angicos, oferece um passeio de barco a partir de Piranhas até uma trilha que leva ao local onde Lampião foi degolado. No confronto, outros nove cangaceiros



Candieiro, hoje com 99 anos, cangaceiro que sobreviveu à chacina do bando: “aquilo não era vida de gente!”

foram mortos. Todos tiveram suas cabeças cortadas e expostas como troféus na escadaria onde hoje funciona a Prefeitura de Piranhas. Mas essa derrota jamais ofuscou o brilho do cangaço. Brilho de estrela em chapéu de couro, preservado na memória popular, 75 anos após a morte de Lampião.

A explicação para o terror espalhado por um movimento que era tão sofisticado culturalmente, segundo o pesquisador Frederico Pernambucano, está no que ele chama de “irredentismo”, uma resposta de vários levantes populares brasileiros à “in-trusão litorânea” sobre os domínios rurais, ou seja, a insubordinação dos sertanejos ao ideal de vida imposto pelas leis vindas do governo. “O que defendiam, na verdade, era o direito de ‘viver sem lei, nem rei e ser feliz’, o dogma primordial do povo brasileiro”, afirma o historiador que dedicou sua vida a revelar as facetas desse movimento único na história do país. ●